

Malcolm Lowry

RUMO AO MAR
BRANCO

tradução e prefácio de
Daniel Jonas

LIVROS DO BRASIL

I

*Porventura refazemos sempre de noite o caminho
aberto a custo sob o sol de verão.*

RILKE

Os dois estudantes contemplaram a paisagem desde o alto de Castle Hill na velha cidade inglesa. Da sua posição no monte de erva defronte do cárcere tinham a seus pés até mesmo os cimos mais elevados de Cambridge; à luz vespertina de inverno as ruas pareciam imaculadas e vazias, mas um halo de sol brumoso declinava-se entre as muralhas e as torres e os socalcos lá longe em baixo. Um vento briguento trazia da estação de caminho de ferro, que nunca adormecia, o estrépito da aceleração de motores, manobrando as carruagens sonolentas: mas de tempos a tempos isso conhecia uma recaída absoluta, dando então lugar aos gritos de remadores no rio ou às salvas do trânsito que por essa altura cresceriam tão bruscamente em volume como os outros sons diminuiriam. Ora os irmãos inclinavam os seus ouvidos para a claque num jogo de futebol, ora para uma súbita música animada — sonora, sonora — dos realejos em *Midsummer Common*: mas de novo estes agrupamentos de sons, cada qual um olá e adeus de mundos de objetividade apartados, encontrariam o seu termo praticamente no seu começo, assim como os gemidos dos motores de aeroplanos rapidamente se esvaem num suspiro no meio de uma tempestade.

Em pé, junto à estaca marcando o lugar do último enforcamento no monte, o cabelo claro esvoaçando, os olhos alumiados pelo sol e o vento, mesmo com o desespero por trás deles, eram como dois náufragos numa balsa, matizando os seus olhos em direção ao mundo plano contra uma qualquer esperança decadente, enquanto à sua volta a rebentaçãõ quebrava,

um borribo não de mar mas de pó e palha. Mas para Sigbjørn, o mais novo, o assobio do vento à volta da prisão era como vento no cordame de um navio, dos fios do telégrafo acima das suas cabeças chegava-lhe uma vez mais a elegia da antena sem fio na Baía de Bengala, e as pancadas de uma persiana solta algures poderiam ser os gemidos do chapeamento de um casco laborando em massas de água musculosas; porém, se sentia novamente dentro de si aquela angústia particular do mar, pois Sigbjørn havia sido marinheiro, também saberia detetar dentro de si pela primeira vez, volvidas algumas semanas desde o regresso de Tor de uma estada breve em Londres, a cisão entre eles e narcisicamente muito do fluxo e refluxo dos sentimentos muito diferentes do outro.

Pois entre estes dois irmãos havia uma marcada dissemelhança alquímica. Na realidade era a primeira vez desde o acidente na sua infância norueguesa que se tinham aproximado em espírito. Apenas seis semanas haviam passado desde que um dos barcos do pai deles, o *Thorstein*, naufragara ao longo da costa de Montserrat com substancial perda de vidas. Desde essa altura, no decurso da investigação e do opróbrio público daí resultante, eram, apesar de antigas diferenças, inseparáveis. Atribuíram-se um empate defensivo. Um armistício foi assinado acabando com as hostilidades espirituais entre os dois. Aceitavam agora o que antes, e em vão, disputavam juntos ou um contra o outro, o recolhimento solitário interior de um ambiente que nenhuma familiaridade com os outros estudantes, a língua inglesa, o país plano — depois das serranias e das torrentes da Noruega que os seus próprios corações tinham de se curvar para transpor —, a vida, e o clima enregelado, poderiam alterar no íntimo do forasteiro permanente. Esta qualidade comum a ambos, que os separava da massa de estudantes, não se encontrava contudo implícita na sua natureza estrangeira. Resultava antes do mais de uma inabilidade para o contacto com a vida em primeira mão, ainda que a simples ligação fosse o seu desejo mais arreigado: era como se cada um deles tivesse sido, em função da existência do outro, afastado da vida, como se o corpo de um irmão barrasse a passagem da abertura da caverna de si na qual o outro se achesse recluso, obstruindo-lhe a luz, sim, a própria existência.

A cada período letivo, o comboio em que viajavam, proveniente da estação de Liverpool com destino a Cambridge, amealhava mais e mais estudantes pelo caminho. Havia grandes esperas na gare. E as suas duas cabeças brancas nuas entre as restantes cabeças douradas inglesas ali no lugar onde marcavam a sua espera poderiam parecer a um qualquer espectador tão arrepiantes como um par de andorinhas brancas entre os seus parceiros pardos à espera do sinal de partida para a migração estival. De Lincoln a Ely este período letivo tinham-no passado no corredor, demasiado tímidos para se sentarem: no entanto, apoiados, assim parecia, no seu pesar comum. E durante todo este período, mantiveram-se negligentemente juntos no trabalho: cada um caminhando a cada dois dias os três quilómetros até ao quarto do outro: toda a indignação do passado um com o outro desvanecia-se nesta fidelidade calorosa e condoída. Mas agora, à medida que o mar marrava certo contra as almas dos barcos irmãos dormindo no porto, ou no momento em que a lua chamava para si as vagas gémeas desconsoladas do dia em remissão desde a costa, assim um magnetismo dual parecia trazer estes irmãos de regresso até aos polos separados do seu destino pelágico.

Ou então era como se cada um tivesse novamente de enfrentar o mundo em separado, com a gélida coragem que a infância traz para o primeiro passeio sozinho.

Quem nos diz quem o protege? Que perigos ameaçam aquela cabeça branca na sua trémula primeira partida?

— Só Deus sabe — ia dizendo Tor —, ainda há qualquer coisa que me apavora, sabes o que disse Dostoiévski, qualquer coisa que não consigo determinar, que não existe, mas que se ergue perante mim como um facto horrível, distorcido, irrefutável.

— Pode ser da maré, quem sabe? — disse Sigbjørn, rindo-se pela primeira vez naquele período. — Ou Dante. Aquela papelada italiana!

Nesse momento um objeto, evocado, como Sigbjørn não conseguiria mais tarde deixar de pensar, em virtude de alguma malícia perversa, perversa mais em razão do que acabava por não divulgar e não tanto por aquilo que divulgava, e que ele agora via ser um jornal, desemaranhou-se

de uma sebe em baixo e vinha brandindo na direção deles. Tor, desfeiteando-o distraidamente com o bastão e o pé, espreitou as colunas enlameadas. Sigbjørn manteve-se junto a ele, espreitando por sobre o seu ombro.

Monte Ararate em erupção. Milhares em pânico.

Nesse momento, como se em simultâneo aliviados da tensão e da vergonha das últimas semanas, os dois homens começaram a rir às gargalhadas, e nesse momento à ideia de Sigbjørn aflorou uma imagem de dois barcos, já desamarrados do cais, mas imediatamente surpreendidos com uma súbita obstrução na sua passagem para fora das docas.

— Quer dizer que agora não temos mais nenhum lugar para onde ir.

— Esperemos ao menos que Dante seja o único facto irrefutável.

— O velho malandro é mais do que suficiente!

— Mas o *Inferno* é uma brincadeira de crianças se o compararmos ao que espera os examinandos do currículo de inglês...

— Sim, Tor, para onde podemos nós ir agora nessa tua arca de que tanto falas em construir?

— A única coisa que eu e Noé haveremos de ter em comum daqui para a frente é apanho ou não uma piela. Mas falando a sério, não é apenas isso, não é apenas o medo do exame...

Sigbjørn olhou para a estaca plantada no lugar do velho patíbulo. E por um instante foi visitado pelo pesadelo da ideia de que esta colina onde agora estavam era, afinal, o próprio Monte Ararate. Para quê fazer-se uma viagem? Mas se isso fosse verdade, a acreditar nos jornais, aquele era um lugar perigoso. De facto, já em erupção sem que eles fizessem a menor ideia! Exclamou:

— Pensa noutra coisa, no último homem que foi enforcado aqui neste monte, pensa no que possa ter sofrido. Há vinte e dois anos! Isso é praticamente quando nascemos — prosseguiu Sigbjørn —, e pensar que ainda há lugares mais aflitivos do que este.

Mas Tor estava absorvido ainda na sua própria piada pessoal sobre o Monte Ararate.

— A plataforma da estação, por exemplo — disse Sigbjørn —, é um

lugar mais infeliz do que este — um estrépito subindo, e claudicando, tão depressa quanto surgiu, vindo daquela direção.

— Sim, a plataforma da estação — respondeu Tor por fim. — Um lugar de muitas despedidas. O seu coração apertado de dor, assim costumava pensar em criança — acrescentou, prolongando a gargalhada, afinal não lhes seria lícito, após a penitência, rir de novo a bom rir? Consultou de novo o jornal preso.

— E todos os ancoradouros, Tor. Aquele fumo tão evanescente, tão parecido com a compaixão, com o amor, como um sonho do mar. Ah, meu Deus, se ao menos... Mas olha lá! O caminho deve ter parecido tão fácil e a direito como agora... não te parece?

— Qual caminho? — Tor estava a rir. — Para quem? O que queres dizer?

— Para aquele além, claro. — Sigbjørn estava a olhar para cima, para a estaca, acrescentando impacientemente: — Para aquele último enforcado, claro. Não te parece fácil? É como se pudesses andar até ao Polo Norte num dia assim. Parece tão simples, tão envolto em paz, e há também uma espécie de sensação marítima a acompanhá-lo. Não estás a ver os prados além; é como uma bonança no equador, soprando e enrolando...

— O Monte Ararate — Tor riu-se —, desculpa mas não consigo tirar a ideia da cabeça. É a coisa mais hilariante que já ouvi. — E novamente soltou uma risada, agachando-se e fazendo uma vénia sobre o jornal caído. Sigbjørn apontou em direção ao mar por sobre as terras pantanosas.

— A minha alma gira como a agulha de uma bússola em direção ao Polo.

— À falta de outras coisas, ter alma já não é deselegante — disse Tor, recaindo, como amiúde acontecia, no inglês macarrónico da sua juventude.

Sigbjørn continuava a apontar, fixando os seus olhos de mar aberto sobre o mundo chão, tão chão quanto o mar cinzento que ao meio-dia faz o marinheiro sonhar no seu momento de folga com os prados da sua terra. Agora que o seu coração estava tranquilo, podia pensar novamente na corrente de relógios, nas conversações concêntricas abissais refletindo a sua própria distração numa torrente de palavras, no trabalho que dá cabo das

cruzes a quem se dedica à trasfega do carvão, no barco vacilando e chafurdando num mar verde, uma experiência imediata acompanhada de um êxtase insuportável; mas estava a ser privado desse êxtase tão rapidamente como em seu redor o fluxo de uma vaga de sons ia sendo substituída pela afluência de outros: e mal viu a sua causa exata, a disposição desapareceu totalmente. Como quebrar o círculo do eu, mesmo sob a sombra do desaire, ele sabia que esse era o pensamento latejando nos corações de ambos, como libertar-se desta colina sobre a qual permaneciam, o timorato círculo amaldiçoado do qual nenhum chegara alguma vez a emergir.

Abaixo deles o acendedor de candeeiros, em plena luz do dia, como Diógenes, alumiava os candeeiros com a sua vara comprida contra a escuridão que chegava — mas quem poderia dizer com certeza que ela iria curvar-se sobre eles esta noite? Uma súbita rajada de vento puxou freneticamente o pelo da erva: sombras vagueavam ante o sol, e varriam o monte onde se encontravam: uma sombra pesarosa velou com eles por um momento, envolvendo-os, como se eles fossem as suas vítimas, e em seguida galopou rumo a oeste.

— A escuridão começa ao meio-dia — disse simplesmente Tor, rindo-se.

— Como dizem os chineses, são os chineses que o dizem, certo?

— Trazes sempre o mar — disse Tor, temporariamente controlado por fim. — Invejo-te, o teu sofrimento. Apesar de tudo o que alegas em sentido contrário, essa foi a tua universidade. Não tinhas necessidade de vir para cá.

Lá em baixo um relógio anunciava as horas, quatro ou cinco; *doom, doom*,¹ as pancadas chegavam vigorosas e cada pancada era uma curvatura de som, e cada uma seguida por um responso inaudível: por trás do relógio o pináculo grosso da igreja estava a cair sobre as ágeis e transitórias nuvens. O braço levantado de Caim que todos os dias cai em alguma parte do mundo.

— Mas Erikson roubou-me o mar.

¹ A onomatopeia *doom* no original anuncia expressivamente a melancolia semântica de «maldição». (N. do T.)

— Seja como for, o que dizes hoje será amanhã um clamor sobre os telhados das casas, isso é inescapável. Nem mesmo Erikson pôde escapar-lhe. Mas essa experiência tinha algo para ti, algo sobremaneira valioso, algo de que eu precisava mais do que tu, uma coisa de que não te serviste. E agora é demasiado tarde para eu ficar com ela.

— Falas como se fosses um velho. Ainda és novo.

— Já alguma vez ouviste falar de um velho com vinte e um anos de idade que alcançou a sua idade adulta na morte?

— Seja como for, parece-me que sou o único a espernear. Se alguma vez tivesses passado pela experiência de escrever um livro para depois vires a descobrir que já fora escrito antes por alguém melhor, como me aconteceu, talvez pudesses ter alguns motivos para te sentires mal.

E no momento em que o fardo do desastre do *Thorstein* estava a ser aliado dos seus ombros, o velho e opressivo peso desta descoberta veio substituí-lo. Pois aqui a inabilidade de Sigbjørn em relacionar-se valeu-lhe a pior das posições. Oito meses a carregar carvão num navio cargueiro antes de vir para a Universidade, uma experiência marcante pese embora fosse, socialmente esclarecedora como seria de esperar que fosse, como seria de lei que fosse, como terá decerto sido, Sigbjørn regressara a casa acompanhado de uma experiência que não terá feito mais por ele do que convencê-lo daquilo que ele já conhecia e de que toda a gente já conhece, que a vida é tão profunda e infinitamente terrível e misteriosa como o oceano. E quando regressou, cauterizado pelo fogo, esquelético, duro e com o mesmo sono difícil com que sempre se conhecera, fora apenas para descobrir que no seu tempo passado em casa o seu irmão Tor chegara a uma maturidade muito maior. E rapidamente, sob a pressão da incomunicabilidade suprema da sua experiência, e logo da permanente e crescente necessidade de mentir sobre ela, a máscara da sua aventura caiu, deixando um rosto com linhas ainda mais macias do que antes. Não foi o facto de ser um escritor nato, antes uma inclinação natural para tentar relacionar-se, comunicar de algum modo, ainda que essa tentativa estivesse destinada ao fracasso, o que o levou a querer fazer da sua experiência um livro. Esta era a única solução. De outra maneira ninguém, talvez nem ele mesmo, poderia alguma vez

imaginar o sofrimento por que passara — e certamente terá sofrido — ou entreter sequer uma ideia do sofrimento que presenciou. Pois na realidade ele via que motivos semelhantes aos que obstaram a que Tor o acompanhasse, quando a oportunidade surgiu, tinham agora sido ultrapassados quando resistia a entregar-se inteiramente aos trabalhadores. Num livro o arco desta ponte poderia ser identificado. Mas a viabilidade desta saída para fora da floresta fora-lhe patenteada de um modo muito cruel. Descobrir-se que o livro pessoal de alguém foi escrito por mãos muito mais capazes é uma experiência sinistra mesmo para quem não tem talento.

— Sinto-me mal sem isso — disse Tor. — Nunca escrevi um livro, e nunca hei de escrever um. E nunca hei de querer. E a tua experiência não passa de uma recorrência interessante de um eterno retorno. Mas acho que deverias entrar em contacto com Erikson, seja como for.

— Pensei em alistar-me num cargueiro norueguês nas próximas férias, e adaptar o *Skibets reise fra Kristiania* numa peça no meu turno.¹ Mas saberás dizer-me tu por que motivo sempre que penso na Noruega me vem ao mesmo tempo a Rússia à ideia?

— Não será porque para nós a Rússia é o futuro e a Noruega o passado?

— O futuro? Para a cristandade de Dostoiévski assistem os próximos mil anos?

— Esse é o pior tipo de absurdo spengleriano. Para a Rússia talvez. Mas para Dostoiévski...

De novo olharam por sobre pântanos e prados, por sobre espigas de milho escurecidas, a triste safra daquele ano, para longe olharam, onde o Cam corria através de salgueiros e choupos crescendo em charcos.

— O passado! Lembras-te dos nossos caminhos de ferro subterrâneos, Tor, do nosso *Holmenkollen* na Noruega?² De que achas que andáremos à procura ali naquele poço velho?

¹ A *Viagem de Barco desde Kristiania*, uma peça baseada no romance de Nordahl Grieg. O nome da cidade Oslo sucedeu remotamente a Kristiania. (*N. do T.*)

² Um distrito elevado em Oslo com um imponente salto de esqui. A linha de Holmenkollen é a mais antiga do metro de Oslo, embora no presente passo se aluda apenas a uma parte subterrânea da linha ferroviária de então. (*N. do T.*)

— Da pedra filosofal talvez. Ou da quadratura do círculo.

— Do absoluto.

— Seja como for, sempre me surpreendeu o modo como conseguimos safar-nos com vida quando aquilo desabou.

Noruega! Cambridge, os pântanos, e mais além no coração o mundo com os seus milhões de barcos e chaminés gigantescas parecendo afastar-se mais e mais, as pessoas, as árvores e as águas, as divagações da memória às centenas parecendo desvanecer-se perante o pensamento desta única fonte para ambos. Eles têm de voltar! Mas nesse instante a cidade de Arcangel cresceu na sua imaginação, plana e sombria, com quilómetros de lenhos alinhados ao longo dos ancoradouros.¹

— Regressarias à Noruega, Tor?

— Porque deveria regressar? Porque se regressa ou se vai para algum lugar a não ser para se voltar a casa?

Sigbjørn nada disse.

Os remadores voltavam agora de Chesterton, o rio fazia o seu caminho pela cidade: sobrevoando as terras pantanosas estava uma gaivota expatriada e solitária: e ele sentiu a força da água movendo-se através do espírito de todas estas coisas, de água por todo o lado buscando o oceano, assim como se diz que a alma procura Brahma.

Durante um pouco mais o sol rodopiou diante deles como mil arcos de ouro inflamados: então a sua luz feroz aplacou, começou a afundar-se: o dia aquietou-se sobre o plaino com as suas pequenas ondas de terra, dunas minúsculas que eram o selo do mar e pequenos lagos, os olhos do mar, e sobre a terra que ali invisivelmente circulava, entretecendo tudo isto com um fio cinzento, bosques, aldeias, e a terra acastanhada que era ela própria sulcada como água que fosse batida pela hélice de um vapor.

No último estertor de luz Sigbjørn disse, apontando:

— Olha, Tor, o caminho deve ter parecido fácil e a direito. Achas que aquele último homem a enforcar chegou a ver o caminho que se abria

¹ Localizada na Rússia, na margem da Baía do Dvina, no Mar Branco. (*N. do T.*)

diante dele, que apesar de saber que o seu corpo em breve iria estar a balouçar no ar...

— A sua alma seguia a marchar — Tor começou a rir.

— Sim, a sua alma ainda rastejou, encolhida, agachada sobre as suas infundáveis caminhadas como o Judeu Errante...

— Talvez como o homem do baralho do Tarô, tenha sido enforcado de cabeça para baixo. Um castigo da velha escola. Ele viu a verdade.

— Ou quem sabe ter-se-á visto a si mesmo.

— O assassino cantor continuou radiante até ao fim — disse Tor —, é um facto. Ainda ontem li sobre isso num jornal americano em Londres.¹ Sabes que a ir para algum lado era para a América que eu iria!

— Mas o que queres dizer com isso do assassino cantor?

Tor passou a mão pelo cabelo.

— Impecavelmente vestido, o seu cabelo negro luzindo, meticuloso nos seus preparativos para a morte, etcétera...

— Não sejas um idiota tão chapado!

— Ao cantar, e depois orar, não deixou de prestar a mais estrita atenção a todos os pormenores até ao momento fatídico em que sucumbiu na ratoeira; e quando a pisou...

— Vamos lá, temos de ir andando — disse Sigbjørn, impacientemente.

— E quando a pisou — Tor continuou, executando uma dança — testou-a com uma meia dúzia de passos ligeiros de dança...

Tor estava a dançar melancolicamente, uma espécie de gingar da morte, sobre o monte, levantando vagarosos torrões de poeira sob os seus pés.

— O sapateado da morte — observou ele.

Parou a sua dança e com o bastão libertou o jornal enrolado à volta da estaca: apanhando-se livre, seguiu esvoaçando. Por um momento,

¹ O «assassino cantor» a que Tor alude é Louis Kenneth Neu, enforcado a 1 de fevereiro de 1935 em Nova Orleães pelos assassinios de Lawrence Shead, um nova-iorquino abastado, e Sheffield Clark, um homem de negócios de Nashville. Neu, emocionalmente perturbado, acalentava o sonho de vir a ser cantor, paixão que o terá acompanhado no tempo em que esteve encarcerado e, mais sintomaticamente, no momento da sua pena capital. (*N. do T.*)

como uma alma perdida, o pobre jornal vagueou incerto pelo ar, depois vagueou pela linha de costa fria das casas.

Sigbjørn cingiu o seu manto sobre si mas ainda assim ambos ali se quedaram à espera como o grumete na gávea à espera que o sol se afunde.

— Tenho tido pesadelos desde que o *Thorstein* naufragou — disse Sigbjørn. — Sonho com um vulto que é enforcado na neve, os dedos do executor a tremerem, a máscara da morte a ser arremessada pelo ar, caindo na neve e o carrasco atrás dela aos tropeções.

— Como um homem à procura da sua alma — disse Tor, e vestiu o seu trajo negro.

— E na outra noite sonhei com as irmãs de Le Mans; uma delas foi enforcada numa macieira; tinha os membros partidos e os membros da macieira estavam a partir.

— Depois havia Pink, o Poeta — disse Tor. — Estou tão morto quanto é possível estar-se, disse ele ao Dr. Styx ao ser esventrado.

— O assassino que disse, numa segunda-feira, ao ser levado para o patíbulo: esta semana não está a começar mal.

Agora era de noite. Riram-se; que diabo deu azo a tudo isto? Tor foi gingando ao descer a colina de erva, rindo-se, estocando os seus calcanhares na terra.

Sigbjørn seguia-o correndo.